

tin am Brunnen; na quarta, realizada em Kopenhagen, foi representada a *Commedia dell'arte*. As digressões compreenderam a visita ao *Schleswig — Holsteinischen Landesmuseum*, ao *Museum für Vor und Frühgeschichte*, à *Schleswiger Dom* e ao *Schloss Glücksburg* e excursão à *Holsteinische Seenlandschaft*, visita à *Brauery Carlsberg* (Kopenhagen), excursão através de Kopenhagen e visita ao *Frilandsmuseum* (Kopenhagen).

Nas comunicações, lidas em alemão, francês e inglês, participaram cerca de setenta investigadores, representando vários Países, da Europa, América, Ásia e África.

CARLOS LOPES CARDOSO.

Lutuosa

Prof. Doutor A. A. Mendes Corrêa

O presente número da nossa Revista, órgão da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* e, ultimamente também, do *Centro de Estudos de Etnologia Peninsular*, regista, com o maior desgosto, o falecimento em Lisboa, na madrugada de 7 de Janeiro de 1959, com quase 71 anos, do Prof. Doutor A. A. Mendes Corrêa, a cujos esforços, trabalho inteligente e vontade inquebrantável devemos a criação, com os Professores Aarão de Lacerda (Pai), Luís Viegas e Bento Carqueja, da Sociedade em 1918 e, no ano imediato, da Revista, em que tantos estudos da especialidade se têm publicado.

Diplomado, em 1911, pela antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto, de que foi aluno muito distinto, obtendo 19 valores na defesa da dissertação inaugural « O génio e o talento na Patologia », não quis, embora filho dum ilustre médico, desta cidade, enveredar pelo lucrativo exercício da clínica, mas, atraído pelos assuntos de Antropologia, Etnologia e Arqueologia, dedicou-se, com o maior entusiasmo, ao ensino e à investigação destas matérias na Faculdade de Ciências do Porto. A cadeira de Antropologia começou a funcionar ali em 1912 e, simultaneamente, os novos Museu e Laboratório Antropológicos que, mais tarde, por decreto de 29 de Dezembro de 1923 e por portaria de 21 de Janeiro de 1931, foram, com inteira justiça, considerados um



Allende la casa

Instituto de Investigações Científicas, de que foi nomeado Director aquele cujo falecimento deploramos, e que por despacho ministerial de 16 de Maio de 1958 passaram a chamar-se *Instituto de Antropologia do Doutor Mendes Corrêa*, consagrando-se, por forma tão significativa, os méritos invulgares daquele catedrático que um dia escreveu que havia procurado, com os seus colaboradores, «manter acesa a chama sagrada que haviam ateado os precursores sob cujo patronato científico e intelectual se colocou a Escola antropológica portuense» (1).

Queria referir-se à feliz iniciativa do grupo dos alunos da Academia que fundaram em 1888 a Sociedade Carlos Ribeiro e no ano seguinte a «Revista de Ciências Naturais e Sociais», à qual em 1899 sucedia a monumental revista «Portugália», fundada por Ricardo Severo e Rocha Peixoto, com a colaboração assídua de Fonseca Cardoso, primeiro, e de José Fontes, em seguida. Essa revista pode considerar-se um dos mais grandiosos monumentos da nossa cultura, disse Mendes Corrêa.

Acolhedor e afável, conversador atraente, escrevendo desde o seu tempo de estudante com facilidade e elegância, falando com vibrante eloquência, não admira que a carreira de Mendes Corrêa fosse uma contínua ascensão e conquistasse admiradores e amigos nos meios cultos nacionais e estrangeiros. Assim, em 1911, era nomeado assistente de Ciências Biológicas na nossa Faculdade de Ciências, onde no ano seguinte iniciava o ensino de Antropologia e em 1913 se apresentava ao concurso de provas públicas com uma dissertação sobre «Os criminosos portugueses (Estudo de Antropologia Criminal)», assunto muito da sua predilecção, bem como tudo quanto dissesse respeito à Psiquiatria. Desempenhou o cargo de juiz-adjunto e médico antropológico da Tutoria Central da Infância.

Em 1919 foi nomeado professor ordinário de Geografia e Etnologia da antiga Faculdade de Letras, agora felizmente renascida, e em 1921 promovido a professor catedrático da Faculdade de Ciências da nossa Universidade, de que foi durante alguns anos director, como foi o sucessor do sábio Gomes Teixeira na direcção dos respectivos «Anais». Foi membro da antiga Junta de Educação Nacional, hoje Instituto de Alta Cultura, e fez parte de várias comissões de reforma de ensino universitário.

Não admira que Mendes Corrêa, com as qualidades de que era dotado e com os numerosos trabalhos que continuamente

(1) A. A. Mendes Corrêa — Os estudos de Antropologia na Academia Politécnica do Porto. Porto, 1937.

publicava, fosse bem conhecido e deveras apreciado, dentro e fora de fronteiras. Foram muitas as viagens que realizou, os congressos em que tomou parte, as conferências que proferiu e as missões de estudo de que foi encarregado. Não esquecerei, além das viagens ao Brasil em 1934 e 1937, a missão científica especial à Guiné portuguesa em 1946 e outra a Timor em 1953.

Concederam-lhe muitas condecorações (em Portugal, Espanha, Brasil, Itália, Bélgica e França) nomearam-no membro de variadas colectividades científicas dos países atrás mencionados e ainda da Alemanha, Inglaterra e Áustria. E as Universidades de Lyon, Mompilher e Witwatersrand (Johannesburg) quiseram-no para seu Doutor *honoris causa*.

Era Vice-Presidente da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências e, à data da sua morte, presidente da secção de Ciências da Academia de Ciências de Lisboa. Era, ainda, vogal da direcção do Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística, membro da Junta Nacional de Educação (secção de Antiguidades e Escavações), presidente da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais e director, a partir de 1946, da Escola Superior Colonial em Lisboa. Era director da *Enciclopédia Luso-Brasileira*.

É digno de especial registo os cargos que ocupou, de 1936 a 1942, de Presidente da Câmara Municipal do Porto e de procurador à Câmara Corporativa. Foi também deputado, de 1945 a 1956, à Assembleia Nacional.

A ele se deve, quando presidiu aos destinos da Vereação, o instalar-se o Arquivo Histórico da Cidade no torreão medieval que se admira junto à Sé, no belo terreiro de D. Afonso Henriques, donde tantos trabalhos têm saído, e surgido várias exposições curiosas, e, quer neste quer nos outros cargos que desempenhou, sempre pugnou pelos interesses da Ciência e da Cultura, sem esquecer a valorização, nestes sectores, das nossas Províncias Ultramarinas.

Recorde-se, ainda, o que se lhe ficou devendo na organização e funcionamento do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica e IV Sessão Internacional de Antropologia, que em 1930 trouxeram ao Porto, onde parte dos trabalhos decorreu, grande número de notáveis figuras europeias da especialidade, e, bem assim, o I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, reunido com tanto êxito nesta cidade em 1934, por motivo da magnífica Exposição Colonial Portuguesa no edifício e jardins do Palácio de Cristal.

Tudo isto está ainda bem vivo na nossa memória agradecida, como tenho bem presente a sentida e grandiosa homenagem que

os seus admiradores e amigos lhe prestaram em 1957 nas Salas da Sociedade de Geografia de Lisboa, de que Mendes Corrêa era presidente. Então, ilustres oradores enalteceram com eloquência e vibração as qualidades do consagrado e os serviços por ele prestados à Nação e à Ciência, e as suas publicações (à roda de trezentas) reuniram-se numa expressiva exposição bibliográfica. E Mendes Corrêa, no discurso de agradecimento, afirmava a sua convicção de ser fundamental para o prestígio e progresso do nosso País a valorização das gerações novas no campo da cultura superior, da técnica e da investigação científica. E, cheio de entusiasmo, mais uma vez proclamou a necessidade de termos legiões de jovens investigadores nos mais variados domínios, tarefa que julgava necessário prosseguir e mesmo intensificar.

Que este entusiasmo pela Ciência e pela Cultura seja transmitido à mocidade estudiosa e oxalá ela saiba honrar a valiosa herança que recebeu!

Não vou aqui analisar a obra do Mestre que perdemos. A isso destinaremos uma sessão, como por minha boca foi prometido. Nela, vários oradores focarão especiais facetas do seu notável labor. Agora, apenas quero recordar, como nota final, as duas homenagens que em vida lhe prestamos; uma, em 6-V-1951, quando entregamos à Sociedade de Antropologia o busto de Mendes Corrêa, obra do escultor Pinto do Couto; outra, quando, por motivo da sua jubilação, lhe oferecemos o volume XVII dos «Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia» que lhe foi dedicado e se pode considerar um magnífico livro jubilar, graças à valiosa colaboração dos seus colegas e amigos, nacionais e estrangeiros.

Mendes Corrêa, pelos dotes da sua viva inteligência e pelas suas invulgares qualidades de trabalho, honrou a Universidade, a cidade onde nasceu e passou a melhor parte da sua vida, e o País, por cujo prestígio lutou, tornando conhecidas e respeitadas nos grandes centros as investigações antropológicas nacionais. Por isso, bem merece que todos os estudiosos o recordem com a maior saudade e gratidão.

HERNÂNI MONTEIRO.

D. Juan Amades Gelats

En plena producció, cuando todavia esperabamos mucho de su gran actividad, el 17 de Enero ha fallecido en Barcelona casi repentinamente este gran folklorista español.

Havia nacido en Barcelona el 23 de Julio de 1890. De origen modesto desde muy joven se vió obligado a trabajar, pero no por eso dejó de estudiar. Como buen catalán era gran excursionista, aprovechaba cualquier fiesta para salir al campo. Su espíritu observador le llevaba a recoger todo lo que le parecia curioso, y en un principio hizo una magnífica colección entomologica especialmente del Llano de Barcelona. Pero pronto se sintió atraído por la vida del pueblo, y recogió canciones, coplas, modos de decir objetos, estampas con lo que formó un magnífico archivo, dedicándose plenamente a los estudios foiklóricos.

En seguida su colaboración se hizo imprescindible a todas las entidades que se dedicaban al estudio de la vida popular. En 1915 al fundar-se en la Universidad de Barcelona el «Arxiu d'Etnografia i Folclor» fué uno de sus principales colaboradores. Por aquel entonces se dedicaba de un modo especial a la recolección de cuentos, cantares y refranes. Colaboró en la fundación de la «Obra del Cançoner Popular de Catalunya» recogiendo más de diez mil melodias de todos los aspectos de la música, tradicional.

Colaboró en el «Institut de la Llengua Catalana» llevando a término varias búsquedas de vocabularios de más de veinte oficios diferentes. Formó parte del comité foiklórico de la II Exposición Internacional de Barcelona celebrada en 1929.

Fué fundador de la sección de Etnografia del Museo de Arqueologia de Barcelona cuyos fondos pasaron al Museo de Artes e Industrias Populares instalado en el Pueblo Español del Parque de Monjuich, del que Amades fué conservador instalando varias salas, trabajo que se complementó con el de Violant, habiendo sido los dos técnicos de este interesante Museo.

Era colaborador del Centro de Estudios de Etnologia Peninsular, y del Instituto de Musicologia ambos dependientes del Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Trabajó eficazmente como miembro del Instituto Municipal de Historia de la ciudad de Barcelona.

Con ser muy importante la labor realizada por el Sr. Amades en todas las instituciones citadas y algunas mas, lo verdaderamente ingente de su obra son sus publicaciones. Deja publicados más de 120 libros, algunos de varios volúmenes como la «Imatge-ria Popular Catalana» que consta de siete volúmenes ricamente ilustrados, el «Costumari Catala» con cinco tomos de unas 600 páginas, dedicando cada uno a un grupo de fiestas y actividades en Cataluña siguiendo el curso del año. Esta obra obtuvo el segundo premio del Concurso Internacional Pitré celebrado en Palermo en 1958. En 1933 comenzó la edición de la «Biblioteca de Tradicions Populars» trabajo que cesó en 1936, y en esos años

pocos editó 42 volúmenes de los cuales era autor. El número de separatas grandes se aproxima a cien, y los artículos y charlas por la radio casi a diario durante siete años son innumerables. Al momento de morir deja en prensa 9 libros y 17 artículos.

Aunque especialista en el folklore de la zona catalana, se interesaba por el de toda España, y últimamente se dedicaba con especial intensidad al cuento popular español, siendo el colaborador español en la obra de Stith Thompson.

Todo su valor científico, y su acendrado amor al trabajo, no habían disminuido sus cualidades humanas: era de una gran bondad, sumamente alegre, con esa grata alegría que da el tener la conciencia bien tranquila. Suplía su gran defecto físico, la falta casi total de vista, en sus últimos años, con su gusto por la conversación, sabía hablar con todos y a la vez que enseñaba aprendía, era una delicia charlar con él, sus correrías por toda Cataluña le hacían recordar comentarios oportunos de lo que se estaba tratando. No habría podido el Sr. Amades por su falta de vista trabajar solo con la eficacia que lo hizo, pero encontró en su esposa Enriqueta Mallofré una eficaz colaboradora que le acompañó en sus excursiones muchas veces sin ninguna comodidad al querer llegar a los rincones más recónditos de la tierra catalana. Luego ella y su hermana Consuelo le ayudaban en el trabajo de despacho, esto debemos agradecerse los todos. Que Dios le tenga en Gloria.

NIEVES DE HOYOS SANCHO.

